

# SEXUALIDADE E RURALIDADE NO BRASIL: O QUE OS ESTUDOS RURAIS E OS ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE (NÃO) DIZEM SOBRE ESSA RELAÇÃO?

*SEXUALITY AND RURALITY IN BRAZIL: WHAT  
DO THE RURAL STUDIES AND THE GENDER  
AND SEXUALITY STUDIES (NOT) SAY ABOUT  
THIS RELATIONSHIP?*

**Fabiano de Souza Gontijo**

*fgontijo@hotmail.com*

*Doutor em Antropologia Social pelo Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, França,  
professor associado da UFPA.*

## RESUMO

Apesar da consolidação dos campos de estudos sobre ruralidade, por um lado, e, por outro, sobre gênero e sexualidade no Brasil, percebe-se que pouco foram tratados, em ambos os campos, quaisquer aspectos relacionados à experiência sexual e à diversidade sexual e de gênero nas zonas rurais brasileiras. Trata-se aqui de iniciar uma reflexão sobre a persistência da (quase) inexistência de pesquisas nas Ciências Sociais brasileiras sobre essa temática.

**Palavras-chave:** Estudos rurais. Estudos de gênero e sexualidade. Diversidade sexual.

## ABSTRACT

Despite the consolidation of both rural studies and gender and sexuality studies in Brazil, we can notice that just a few texts were written about the sexual life and the gender and sexuality diversity experiences in the rural areas of the country. This article presents some reflections on the persistent lack of researches in Social Sciences about that subject.

**Keywords:** Rural studies. Gender and sexuality studies. Sexual diversity.

Em 1974, Peter Fry realiza uma pesquisa de campo etnográfica que gerou o artigo intitulado “Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros”, publicado inicialmente em inglês sob a forma de comunicação apresentada em congresso (FRY, 1982a). A pesquisa partiu dos questionamentos que Ruth Landes havia apresentado trinta anos antes, publicados em seu polêmico artigo “Matriarcado Cultural e Homossexualidade Masculina” (LANDES, 1967). A pesquisa de Fry foi realizada em locais de “cultos de possessão afro-brasileira” na cidade de Belém, capital do Pará (FRY, 1982a, p. 54). Nessa pesquisa, Fry

infere sobre a relação entre homossexualidade e religiosidade, propondo um esboço do que chamará de sistema de representação hierárquico da sexualidade masculina, comum em cidades do Norte e Nordeste brasileiros, assim como nas periferias dos grandes centros urbanos industrializados do Sul e do Sudeste e eventualmente nas zonas rurais<sup>1</sup>.

Os escritos de Fry (1982a; 1982b), assim como os de Fry e MacRae (1982), e as obras de Guimarães (2004 [1977]), Parker (1986), Perlongher (1987), Mott (1987a; 1987b), Muniz de Oliveira (1992), Heilborn (1996; 2004 [1992]) e Costa (1992), dentre outras, contribuíram decisivamente para a *ins-tituição* do campo dos estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil. Mas, quase sempre, (homo)sexualidade *masculina e urbana*.

Até as publicações dos autores citados acima, os estudos sobre (homo) sexualidade no Brasil, de maneira geral, poderiam ser agrupados em três áreas: na primeira, os estudos realizados na área das ciências biomédicas (incluindo-se aí a psicologia e as áreas correlatas), que visavam a demarcação acadêmica das áreas científicas no Brasil, tipologizando as práticas – e identidades a elas atreladas – *patológicas*; na segunda, os estudos realizados na grande área das ciências humanas (incluindo-se aí a filosofia), tipologizando as práticas – e identidades a elas atreladas – *normais*, com designações de sociabilidades *anormais*. Enquanto os primeiros estudos são continuados, os outros são esporádicos, sem grandes efeitos ou com efeitos efêmeros na consolidação tanto da área das ciências humanas, como de um campo de saberes autônomo sobre sexualidades. Enfim, na terceira, os estudos na área de literatura (incluindo-se aí os ensaios jornalísticos realistas e naturalistas), com um número relativamente extenso de obras que abordam direta ou indiretamente (nomeadamente ou não) as experiências sexuais, muito diversas e bem particulares, de setores da população brasileira e a relação dessas experiências com os modos de vida desses setores, seja como objeto principal da obra ou como elemento tangencial ao objeto principal, seja como fruto de uma reflexão moral (*O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha) ou como relato de vivências mundanas divergentes, estigmatizadas e periféricas (*Capitães de Areia*, de Jorge Amado).

Enquanto os estudos médicos encaravam as sexualidades “divergentes” como problemas a serem corrigidos e tratados, as ciências humanas as viam como curiosidades das camadas populares, geralmente negras, periféricas, umbandistas e prostituídas. A literatura, por sua vez, as via como “fatos” e “experiências” a serem relatados, ainda que com subterfúgios ardilosos para a emissão de juízos morais (de cunho médico e/ou filosófico)<sup>2</sup>. Pouco – ou praticamente nada – foi versado sobre as experiências (homo)sexuais no universo rural.

Em 2006, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado em Antropologia, defendidas respectivamente na Universidade de São Paulo e na Universidade de Brasília, trataram, com abordagens diferentes, de aspectos relativos à temática da sexualidade no mundo rural brasileiro, acrescentando, assim, novidades aos já tão consolidados estudos rurais brasileiros, por um lado, e, por outro, aos também já tão consolidados estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil.

A tese de Silvana de Souza Nascimento e a dissertação de Paulo Rogers Ferreira partiram da denúncia da (quase total) ausência de pesquisas sobre sexualidade no âmbito dos estudos rurais<sup>3</sup>. A tese de Nascimento, intitulada “Faculdades Femininas e Saberes Rurais. Uma Etnografia sobre Gênero e Sociabilidade no Interior de Goiás”, tratou das relações de gênero no mundo rural levando-se em consideração a experiência da vivência das sexualidades, ao passo que a dissertação de Ferreira, intitulada “Os Afectos Mal-Ditos: o

indizível das sociedades camponesas”, tratou mais especificamente da experiência das sexualidades no interior do Ceará<sup>4</sup>.

Os trabalhos de Nascimento e Ferreira serviram de inspiração inicial para nossas indagações sobre a experiência da sexualidade no mundo rural piauiense<sup>5</sup>. Aqui, vamos confirmar a leitura crítica que ambos os autores fazem dos estudos rurais brasileiros, acrescentando-se a insinuação sobre as inúmeras lacunas e quase total ausência da vivência sexual dos camponeses nos estudos de gênero e sexualidade<sup>6</sup> e esboçaremos um início de discussão sobre os efeitos dessas críticas, lacunas e ausências nas Ciências Sociais brasileiras<sup>7</sup>.

A pesquisa que nos levou à produção desse texto se inseriu no âmbito das atividades relativas à vigência do convênio firmado entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e o Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O convênio fazia parte do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Ação Novas Fronteiras (PROCAD-NF) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Um projeto de pesquisa bastante amplo, geral, abarcava os diversos projetos de pesquisa individuais dos professores/pesquisadores integrantes do convênio<sup>8</sup>. Esse projeto de pesquisa geral tratava dos mais diversos tipos de impactos culturais locais de diferentes propostas de desenvolvimento econômico em curso então no Piauí, notadamente aquelas ligadas à sojicultura, à apicultura, à celulose e, enfim, à produção de biodiesel.

No âmbito do projeto geral, ficamos encarregados de analisar, particularmente, as configurações familiares, as composições conjugais e os arranjos parentais, por um lado, e, por outro lado, as relações de gênero – e também as práticas sexuais – que estariam na base dessas configurações, composições e arranjos, tendo como contexto as situações sociais geradas pelas (novas) ruralidades contemporâneas<sup>9</sup>. Tratar-se-ia, assim, de *cartografar* as estruturas das famílias rurais piauienses envolvidas, direta ou indiretamente, nos grandes projetos de desenvolvimento econômico<sup>10</sup>, *sociografar* a realidade cotidiana das famílias e *etnografar* as relações familiares, conjugais e parentais, tendo como mote a ideia de que as famílias que vivem no mundo rural estariam passando por importantes modificações em suas estruturas, o que poderia estar vinculado, dentre outros fatores, às consequências da efetivação do ideal desenvolvimentista no Piauí – a noção de família rural aqui era pensada tanto a partir da redefinição proposta por Almeida (1986) como da complexificação apresentada por Comerford (2003).

Um novo direcionamento foi dado ao projeto inicial a partir de conversas com uma estudante da primeira turma do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Maria Elza Soares da Silva, que vinha estudando os “parceiros” (termo usado pelos camponeses em questão) envolvidos no projeto de “assentamento rural privado” (termo oficial) da Fazenda Santa Clara, na “região do semiárido” no Centro-Sul piauiense. A estudante encontrou, em sua “etnografia da terra prometida”<sup>11</sup>, famílias de “tipos” bastante diversificados, que dificilmente se encaixavam nos modelos “tradicionais” de famílias rurais descritas pela vasta literatura existente nas Ciências Humanas brasileiras (e estrangeiras) sobre o assunto<sup>12</sup>. Apesar de não ser o foco da pesquisa da estudante, ela se deparou, no convívio com a comunidade estudada, com o caso de uma travesti que exercia certa influência na gestão política dos conflitos na comunidade. E o mais interessante era o fato de que, aparentemente, essa travesti não seria alvo de forte preconceito por parte de homens e mulheres da comunidade, fossem eles, de um lado, parceiros ou, de outro, empregados da administração da empresa

gestora do empreendimento de assentamento. Esse fato foi confirmado por outra estudante da segunda turma do mesmo curso, que também se interessou pela Fazenda Santa Clara, Joyce Kelly da Silva Oliveira<sup>13</sup>, tratando mais especificamente da relação, muitas vezes conflituosa, entre parceiros e administradores<sup>14</sup>.

A partir dessas conversas e da visita à Fazenda Santa Clara, decidimos dar ênfase, em nossas pesquisas, aos “desvios e divergências” (VELHO, 1985) relativos às construções identitárias no mundo rural – em particular, no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero – para apreender os significados das relações sociais mais amplas vigentes nesse contexto contemporâneo de grandes transformações sociais e culturais – aqui marcadas pela implantação da lógica do agronegócio no Piauí. A pesquisa voltou-se, assim, para a maneira como os “padrões hegemônicos de normalidade” (BUTLER, 2003) seriam (ré) interpretados e experimentados (talvez às avessas) em contextos culturais distintos, criando *novos* ou *outros* sujeitos imbuídos de *novas* ou *outras* moralidades e (até mesmo) constituindo *novas* ou *outras* legalidades.

Após algumas viagens ao interior do Piauí (regiões Centro-Sul e Norte do estado) para conversar com sujeitos cujas trajetórias de vida não se encaixavam exatamente naquilo que vínhamos lendo, por um lado, sobre aquele camponês tal qual tratado pelos estudos rurais, e, por outro lado, sobre identidades e transgressões sexuais e de gênero nos estudos de gênero e sexualidade, decidimos iniciar uma reflexão sobre o porquê (e o como) desses desencaixes ou lacunas e ausências. Os primeiros resultados dessas reflexões serão expostos aqui abaixo.

O trabalho de Paulo Rogers Ferreira, premiado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em 2007, foi publicado no formato de livro em 2008, ao passo que o trabalho de Silvana de Souza Nascimento vem sendo publicado no formato de artigos em periódicos (NASCIMENTO, 2012). Como já dissemos acima, em ambos os casos, aponta-se para o fato de que nos estudos rurais parece haver uma quase total ausência de pesquisas que tratem *especificamente* das experiências e/ou práticas sexuais no mundo rural. A partir dessa constatação, fizemos uma pequena pesquisa bibliográfica entre o final de 2012 e o início de 2013 para averiguar o fato.

No que diz respeito aos estudos rurais, demos ênfase à análise dos artigos publicados nos principais periódicos nacionais sobre o assunto (*Revistas de Economia e Sociologia Rural, Estudos Sociedade e Agricultura, IdeAs, Ruris e Raízes*), já que Ferreira (2006) havia dado conta, nos primeiros capítulos de sua dissertação, dos livros publicados no Brasil sobre a realidade rural ao longo do século XX.

A *Revista de Economia e Sociologia Rural*<sup>15</sup>, mantida pela Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), é publicada há mais de trinta anos e está, no final de 2012, em seu volume 50, número 4. Tivemos acesso aos números da revista desde 2002 (volume 40, número 3). No volume 47 de 2009, há um artigo de Reginaldo Sales Magalhães sobre a “masculinização” da produção de leite que aborda as relações de gênero no campo. Também foram encontrados dois ou três estudos sobre famílias rurais.

A *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*<sup>16</sup>, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, teve seu primeiro número publicado em 1993. Entre o primeiro número da revista e o número 1 de 2012, encontramos alguns artigos sobre mulheres camponesas de autoria de Maria José Carneiro (número 2 de 1994, pp. 11-22 e número 5 de 1995, pp. 45-57, em coautoria com Vanessa Lopes Teixeira) e Ana Louise de Carvalho

Fiúza (número 9 de 1997, pp. 178-189), ambos da década de 1990. O CPDA/UFRJ possui ainda um periódico semestral dos estudantes do Programa, intitulado *IdeAs – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*<sup>17</sup>, que começou a funcionar em 2007. Do início das publicações até o volume 6, número 1, de 2012, encontramos um único artigo sobre relações de gênero em assentamentos do Movimento dos Sem-Terra em Minas Gerais, de autoria de Pedro Magrini et al. (volume 4, número 2, 2010).

Por sua vez, a Revista *Ruris*<sup>18</sup>, do Centro de Estudos Rurais (CERES) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), inicia suas publicações em 2007 e, logo no início, apresenta um artigo de Paulo Rogers Ferreira (volume 2, número 1, 2007) – o primeiro capítulo de sua dissertação, sobre a ausência de estudos que abordem a sexualidade no mundo rural ou o que tratem do “corpo do camponês” no que ele chama de “Texto Brasileiro”. Já a Revista *Raízes*<sup>19</sup>, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (um dos Programas de Pós-Graduação mais antigos do Brasil voltado particularmente para os estudos rurais), inicia suas publicações na década de 1980, embora só tenhamos acesso, pelo site da revista, aos números publicados a partir de 1998 (ou seja, do volume 15 em diante). Nesse periódico, encontramos alguns artigos sobre relações de gênero e/ou mulheres camponesas (um artigo de Paolo Cappellin e Elisa Guaraná Castro, no volume 15, número único, de 1998; um artigo de Renata Menasche, no volume 17, número único, de 2000; um artigo de Evander Eloí Krone e Renata Menasche, no volume 26, números 1 e 2, de 2007; um artigo de Mary Alves Mendes, no volume 27, número 1, de 2008; e um artigo de Noemi Porro, Dalva Mota e Heribert Schmitz, no volume 30, número 2, de 2010).

Quanto aos periódicos mais direcionados para a divulgação dos estudos de gênero e sexualidade, foram consultados *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, *Cadernos Pagu*, *Boletim Sexualidade, Gênero e Sociedade*, *Revistas Bagoas Sexualidad, Salud y Sociedad* e *Estudios Feministas*. Aqui, procuramos os artigos ou dossiês que tratassem da sexualidade do camponês e/ou as experiências e práticas sexuais no mundo rural. Nada foi encontrado no primeiro periódico, pioneiro do gênero no Brasil<sup>20</sup>.

A Revista *Estudios Feministas*<sup>21</sup>, abrigada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), iniciou suas publicações em 1992 com o volume 0, número 0. Na última edição da revista – volume 20, número 3, de 2012 – encontramos um artigo sobre pescadoras (de autoria de Maria Cristina Maneschy et al.) e um artigo sobre mulheres empregadas de abatedouros aviários (de autoria de Laila Graf e Maria Coutinho) – ou seja, mulheres *enquanto* trabalhadoras. No volume 4, número 2, de 1996, há um artigo de Maria José Carneiro sobre “esposa de agricultor na França”. No volume 5, número 2, de 1997, há um interessante artigo da coluna “Ponto de Vista”, intitulado “Sem Terra Sem Roupas!”, de Céli Regina Jardim Pinto, sobre a polêmica publicação das fotos sensuais da militante do Movimento dos Sem-Terra, Débora Rodrigues, numa revista masculina – o curioso é que a nudez da militante impressionou *pele fato* de que ela era militante, não porque era mulher – nudez parece não combinar com militância. No volume 11, número 1, de 2003, há um importante dossiê sobre “publicações feministas no Brasil”, mas praticamente nada sobre sexualidade, e, em particular, nada sobre sexualidade no mundo rural. Já o volume 12, número 1, de 2004, traz um dossiê sobre mulheres camponesas do sul do Brasil que, em seus nove artigos, apresenta a mulher trabalhadora ou a mulher em sua vida familiar, porém, nunca a mulher sexualizada ou mesmo homossexual.

O volume 14, número 1, de 2006, apresenta um dossiê organizado por Laura Moutinho, Simone Monteiro, Osmundo Pinho e Sérgio Carrara abordando a sexualidade em suas articulações com gênero, raça e saúde, embora não

haja artigos sobre a sexualidade no mundo rural. No volume 14, número 2, de 2006, um dossiê organizado por Anna Paula Uziel, Miriam Grossi e Luiz Mello trata da família e da homossexualidade, também com uma lacuna referente ao mundo rural. No volume 15, número 2, de 2007, é publicado um dossiê sobre “mulheres em áreas rurais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil”, organizado por Rosineide de L. M. Cordeiro e Russel Parry Scott, mas, aqui também, nada aparece sobre a sexualidade dessas mulheres. Enfim, no volume 18, número 3, de 2010, a revista apresenta um dossiê (organizado por Carmen Susana Tornquist et al.) sobre mulheres e meio ambiente, aproximando-se dos estudos rurais, sem artigos sobre a sexualidade no campo.

*Cadernos Pagu*<sup>22</sup> é o periódico interdisciplinar do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que começa a ser publicado em 1993. Até o número 39, de 2012, encontramos o artigo de Margo L. Matwychuck, no número 8/9, de 1997, sobre estratégias de casamento em um grupo de mulheres de famílias de usineiros paraibanos, e um artigo de Silvana de Souza Nascimento sobre homosociabilidades no mundo rural goiano (capítulo de sua tese de doutorado), na última edição (número 39, de 2012).

O *Boletim Sexualidade, Gênero e Sociedade* do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atualmente sob a responsabilidade do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), publicado desde 1994, não apresentou nenhum artigo sobre a sexualidade no mundo rural, assim como outros periódicos do CLAM e/ou do IMS, como *Physis – Revista de Saúde Coletiva*<sup>23</sup>, publicado desde 1991, e *Sexualidad, Salud y Sociedad*<sup>24</sup>, publicado desde 2009.

Enfim, *Bagoas*<sup>25</sup>, uma revista acadêmica brasileira dedicada exclusivamente aos “estudos gays, gêneros e sexualidades” (subtítulo do periódico), vinculada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), surge em 2007 e está atualmente em seu oitavo número no final de 2012. Encontramos um artigo de nossa autoria na última edição (GONTIJO & COSTA, 2012), tratando de alguns aspectos da diversidade sexual e de gênero no mundo rural piauiense e uma resenha do já citado livro de Paulo Rogers Ferreira, “Os Afectos Mal-Ditos”, de autoria de Daniel Gonçalves de Menezes, então doutorando em Ciências Sociais na UFRN, no número 5, de 2010.

Ao privilegiar aqui os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade no âmbito das Ciências Sociais brasileiras, temos consciência de que alguns periódicos publicados em particular por Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais ou Sociologia e/ou Antropologia poderiam conter artigos sobre as temáticas que nos interessam e teriam sido deixados de lado em nossa análise. Poderíamos ainda ter analisado as comunicações/papers apresentados nos principais eventos científicos que tratam de temáticas brasileiras, como o Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), o Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), a Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (RBA), o Congresso da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), o Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural (ALASRU), o Encontro Fazendo Gênero, o Encontro de Ciências Sociais do Norte/Nordeste, a Reunião Equatorial de Antropologia (REA), a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), o Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (Anppas) e a Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), dentre outros. Enfim, poderíamos ter analisado as dissertações e teses apresentadas aos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Sociologia e/ou Antropologia na última década

e até mesmo os anais de seminários e congressos em que são apresentados os trabalhos de pesquisa de iniciação científica. Deixaremos essa tarefa para outros pesquisadores ou para nossas pesquisas futuras, já que não pretendemos, nesse artigo, ser exaustivos.

Tivemos a curiosidade ainda de analisar, em seguida, alguns compêndios de “estado da arte” e histórias das Ciências Sociais brasileiras, do pensamento social no Brasil e dos estudos de gênero e sexualidade no País e, aqui também, confirmou-se a ausência de referência à sexualidade no mundo rural: foi assim em Miceli (1999a, 1999b, 1999c, 2002), Ianni (2004), Grossi e Schwade (2006), Trindade (2007), Duarte e Martins (2010) e Martins e Martins (2010). Ressaltamos ainda que os excelentes capítulos de autoria de Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj, por um lado e, por outro, Maria Filomena Gregori, em Miceli (1999b) e o capítulo de autoria de Miriam Grossi em Duarte e Martins (2010), assim como o esclarecedor artigo de Sérgio Carrara e Júlio Simões (2007), nada trazem sobre a sexualidade no mundo rural, embora entre as linhas apontem a necessidade de se pesquisar aquilo que aparentemente não vem sendo pesquisado.

Assim, por um lado, no que diz respeito aos estudos rurais, parece que a maior parte dos artigos e textos analisados estão ora voltados para a organização social vinculada aos aspectos econômicos da vida no campo, ora voltados para as questões morais relativas à família e aos arranjos familiares camponeses – o gênero aparece quase sempre na forma da mulher trabalhadora e/ou militante ou dos papéis familiares. Por outro lado, no que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade, quando há articulação com a ruralidade, nota-se um grande número de artigos e textos que abordam, num primeiro momento, a *condição da mulher camponesa* (reprodutora e eventualmente produtora), às vezes vinculada aos movimentos sociais no campo, e/ou, em seguida, as relações de poder que permeiam as relações de gênero e as transformações dessas relações no mundo rural contemporâneo. A sexualidade(a) parece relegada à vida urbana: o “indizível das sociedades camponesas” (FERREIRA, 2006, título).

Nos estudos rurais, a invisibilização do *outro* no que diz respeito às práticas sexuais e às construções identitárias ligadas a essas práticas parece concernir também à criança e até mesmo, em menor grau, ao negro, o que é confirmado, não somente pelos trabalhos de Ferreira (2006, 2008) e Nascimento (2006, 2012), como apontamos acima, mas também pelos textos de Maria Isabel Ferraz Pereira Leite (1996) e, mais recentemente, de Jairo Barduni Filho, Ana Louise de Carvalho Fiúza, Erika Oliveira Amorim e Adriana Maria da Silva Costa (FILHO et al., 2010).

A sexualidade e, mais particularmente, a diversidade sexual e de gênero e as práticas sexuais que podem se tornar marcadores sociais da diferença nas pesquisas sobre o mundo rural não teriam se transformado em objetos de estudo *per se* por diversas razões, não necessariamente por uma suposta incapacidade dos pesquisadores em perceber sua importância para a compreensão das relações sociais marcadas pelas ruralidades. Talvez a principal dessas razões seja a própria agenda de pesquisas, tanto nos estudos rurais, como nos estudos de gênero e sexualidade, pautada por outros interesses de pesquisa ligados a certas tradições intelectuais (muitas vezes, a montagem da agenda se faz de acordo com demandas oriundas dos mais diversos pontos do campo de força em jogo nas Ciências Sociais) – no caso dos estudos rurais, em algumas tradições intelectuais que buscam entender as sociedades camponesas como sistemas sociais específicos, a economia e a política se tornam dimensões mais privilegiadas do que a sexualidade, entendida, esta última, como secundária (pensamos aqui, como exemplo, numa certa tradição já clássica desenvolvida, por um lado, por Eric Wolf e Sydney Mintz, e, por outro, por Henri Mendras).

Embora historicamente as Ciências Humanas e, em particular, as Ciências Sociais, venham deixando de lado esses aspectos da vida social no campo problematizados aqui, percebe-se que, também historicamente, outros campos de produção de saberes e conhecimentos, como a literatura brasileira já consagrada ou as artes plásticas já celebradas, estão repletos de referências (muitas vezes explícitas) à sexualidade do camponês ou do homem que vive no campo. Para citar somente um caso emblemático da literatura brasileira, pensemos na relação dos personagens Diadorim e Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, de autoria de Guimarães Rosa<sup>26</sup>. E, nas artes plásticas, não passa despercebida a sensualidade e a sexualidade de alguns personagens rurais de Cândido Portinari ou até mesmo de Djanira<sup>27</sup>.

No entanto, é sabido que as Ciências Humanas se construíram, *enquanto ciências*, como legítimas provedoras de “verdades” sobre o mundo, por oposição à literatura, esta relegada ao campo da “ficção” e, eventualmente, da produção de informação despreocupada com as “verdades”, como já era apontado pela crítica pós-moderna (CLIFFORD, 1998; CLIFFORD E MARCUS, 2010). Coube às ciências, assim, a instituição do que seria *bon à penser*; e, à literatura e às artes plásticas, o *resto*, a saber a sexualidade no mundo rural, dentre outros temas.

Enquanto isso, os sujeitos que encontramos nos “interiores” do Piauí nos apresentavam suas trajetórias de vida nada conformes àquelas que encontramos nos livros de *histórias* sobre eles, sobre seus territórios, sua economia, sua organização social e suas relações de parentesco, sua mobilização política, sua moralidade, sua religiosidade, seus ritos e mitos... em que nunca são levados em conta seus corpos desejantes e desejados ou seus “afectos mal-ditos” (FERREIRA, 2006).

## NOTAS

<sup>1</sup>Agradecemos à Prof<sup>a</sup>. May Waddington Telles Ribeiro (DCIES/UFPI) e aos doutorandos Jaqueline Pereira de Sousa (PPGA/UFPA) e Rafael Gaspar (PPGSA/IFCS/UFRJ) pelas preciosas sugestões de leitura e até mesmo de interpretação. Devemos agradecimentos especiais à Profa. Eli de Fátima Napoleão de Lima, do CPDA/UFRRJ, supervisora do estágio de pós-doutorado que gerou a necessidade da escrita desse artigo, pelas boas dicas. Enfim, nossos agradecimentos ao CNPq, pela bolsa de produtividade em pesquisa.

<sup>2</sup> Para as referências acerca da genealogia dos estudos sobre (homo) sexualidade no Brasil, ver o próprio artigo de Fry (1982b), mas também os de Arney, Fernandes e Green (2003) e ainda, para entender a maneira como a obra de Fry abriu novos espaços para a instituição do campo dos estudos sobre (homo) sexualidade no Brasil, sobre novas bases teóricas e metodológicas, ver também Facchini (2003) e Carrara e Simões (2007).

<sup>3</sup> Entende-se por estudos rurais o conjunto de textos oriundos de pesquisas realizadas no contexto das ruralidades ou do mundo rural e que se serve de um aparato teórico-metodológico das ciências sociais e humanas. Maria José Carneiro fala de ruralidades, no plural, como representações sociais que orientam “(...) práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial.” (1998: 12) ou “como um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local, mediante a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas” (2008: 35).

<sup>4</sup> Na década de 1990, artigos de Ellen e Klaas Woortmann (1993, dentre outros) já atentavam para a sexualidade no mundo rural, embora esse não fosse o foco dos estudos, como apontado pelo próprio Ferreira (2006).

<sup>5</sup> A excelente dissertação de mestrado de Luanna Mirella, intitulada “Localidade ou Metrópole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade”, defendida em 2010 junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Social da Universidade de Brasília, sob a orientação de Rita Laura Segato, apresenta com seriedade e rigor a trajetória biográfica de Kátia Tapety, travesti que exerceu cargos políticos em um pequeno município rural piauiense, mas não se trata especificamente de uma pesquisa sobre a sexualidade de travestis no mundo rural brasileiro.

<sup>6</sup> Entende-se por estudos de gênero e sexualidade o conjunto de textos oriundos de pesquisas realizadas em contextos sociológicos e antropológicos diversos, retratando a construção social e a formulação cultural não somente das relações e estruturas de gênero (ROSALDO et alii, 1979; SCOTT, 1995; BUTLER, 2003), mas também das diferenças sexuais (VANCE, 1995; HEILBORN, 1999; CARRARA E SIMÕES, 2007); estudar a diversidade sexual e de gênero aparece como uma maneira de interpelar a “analítica da normalização” (MISKOLCI, 2009), ou seja, a forma como as fronteiras da diferença são constituídas ou a maneira como se dá a construção de um(uns) padrão(ões) – “heterossexualidade compulsória” ou “padrão heteronormativo” (RICH, 1983; BUTLER, 2003) – que regula(m) a vida dos sujeitos em sua práticas cotidianas (JAGOSE, 1996).

<sup>7</sup> Antes de prosseguir, cabe um esclarecimento sobre o uso que fazemos aqui da categoria *camponês*. Sem entrar no acalorado debate sobre definições, entendemos o camponês como o sujeito “múltiplo” que vive nas zonas rurais (ainda que, muitas vezes, a zona rural não seja definida pelos próprios sujeitos que ali e/ou dela vive/m, mas por instâncias administrativas e governamentais ou até mesmo não-governamentais). Esse sujeito é “múltiplo”, pois sua construção identitária não pode mais ser reduzida a uma ou duas de suas atividades, geralmente entendida/s como econômica/s. A partir de Kearney (1996) – e também Brunt (1992) –, falaremos de camponês (e não de “polybian”) como um sujeito vinculado a múltiplos processos sociais, estratégias econômicas, dinâmicas de poder e, enfim, lógicas de diferenciação cultural que marcam sua presença no mundo – é assim que os sujeitos que encontramos no interior do Piauí se mostravam.

<sup>8</sup> O projeto se intitulava “Dinâmicas Sociais e Ruralidades Contemporâneas: Análise dos Impactos Culturais Locais de Diferentes Propostas de Desenvolvimento Econômico no Piauí (Apicultura, Soja, Biodiesel e Celulose)”.

<sup>9</sup> O projeto se intitulava “Campos de Desejos: Família, Gênero e Sexualidade no Mundo Rural Piauiense” e contou, de 2010 a 2012, com recursos do Edital Universal – 2010 e de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e com uma bolsa de Iniciação Científica do mesmo órgão de fomento para a aluna Francisca Célia da Silva Costa. A pesquisa se inseriu nas atividades do grupo de pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero (SEXGEN), liderado por nós. Ao CNPq, nossos agradecimentos pelos recursos que viabilizaram a realização da pesquisa.

<sup>10</sup> Os grandes projetos de desenvolvimento econômico então em voga no Piauí envolviam o agronegócio da soja e da celulose, a indústria do biocombustível (mamoma) e a apicultura.

<sup>11</sup> A dissertação de mestrado da estudante teve por título “Etnografia da Terra Prometida: trajetórias sociais, conflitos e cotidiano dos/as camponeses/as parceiros/as da *Brasil EcoDiesel* – O caso da Fazenda Santa Clara, no Piauí” e foi defendida em março de 2011.

<sup>12</sup> Para uma síntese dessa literatura, veja Woortman (1995).

<sup>13</sup> A dissertação de mestrado da estudante teve por título “Fazenda Santa Clara: encontros e desencontros entre camponeses/parceiros e a Brasil Ecodiesel em um assentamento rural privado no sul do Piauí” e foi defendida em agosto de 2012.

<sup>14</sup> Um artigo tratando de alguns aspectos da diversidade sexual e de gênero na Fazenda Santa Clara foi publicado na Revista Bagoas, v. 6, n. 8, jul./dez. 2012, pp.171-186, sob o título “*Ser Travenco é Melhor que Mulher*: considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade no mundo rural piauiense”, de nossa autoria com a coautoria de Francisca Célia da Silva Costa.

<sup>15</sup> Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issues&pid=0103-2003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=0103-2003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: mar. 2013.

<sup>16</sup> Consulta feita na biblioteca do CPDA/UFRRJ e no site do periódico. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/>>. Acesso em: nov. 2013.

<sup>17</sup> Consulta feita na biblioteca do CPDA/UFRRJ e no site do periódico. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/cpda/ideas/>>. Acesso em: nov. 2013.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ceres/?p=ruris-edicoes>>. Acesso em: dez. 2012.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~raizes/index.php>>. Acesso em: jan. 2013.

<sup>20</sup> A consulta foi feita em nosso acervo pessoal, contendo todos os números.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref>>. Acesso em: fev. 2013.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/node/>>. Acesso em: jan. 2012.

<sup>23</sup> Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issues&pid=0103-7331&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=0103-7331&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: mar. 2013.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad>>. Acesso em: jan. 2013.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/>>. Acesso em: mar. 2013.

<sup>26</sup> Nas Ciências Humanas e Sociais brasileiras em sua formação, encontramos referências à experiência sexual dos sujeitos que vivem no *interior* do Brasil na obra majestosa de Gilberto Freyre, por exemplo, e até mesmo nas obras de Caio Prado Júnior, de Sérgio Buarque de Holanda, de Paulo Prado ou de Antônio Cândido, obras muitas vezes consideradas ensaísticas.

<sup>27</sup> Somos imensamente gratos à Prof<sup>a</sup>. Eli de Fátima Napoleão de Lima, do CPDA/UFRRJ, por ter-nos levado a essa reflexão, por outras vias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro. Redescobrimo a Família Rural Brasileira. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 1, n. 1, p. 63-83, 1986.

ARNEY, Lance; FERNANDES, Marise; GREEN, James. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. Cadernis AEL. v. 10, n. 18/19, p. 317-348, 2003

BARDUNI FILHO, Jairo; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; AMORIM, Erika Oliveira; COSTA, Adriana Maria da Silva. A Transformação das Relações Afetivas no Meio Rural: breves anotações das relações *oficiosas, e oficias* na perspectiva de gênero. Anais do VIII Congresso Latinoamericano de Sociología Rural (ALASRU). Porto de Galinhas: 2010, pp. não informadas  
Disponível em: < [http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/A\\_TRANSFORMACAO\\_DAS\\_RELACOES\\_%20AFATIVAS\\_NO\\_MEIO\\_RURAL\\_BREVES\\_ANNOTACOES\\_DAS\\_RELACOES\\_OFICIOSAS\\_E\\_OF](http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/A_TRANSFORMACAO_DAS_RELACOES_%20AFATIVAS_NO_MEIO_RURAL_BREVES_ANNOTACOES_DAS_RELACOES_OFICIOSAS_E_OF).pdf >. Acesso em: 4 abr. 2013.

BRUNT, D. *Mastering the Struggle: gender, actors and agrarian change in a mexican ejido*. Amsterdam: CEDLA, 1992.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPPELLIN, Paola; CASTRO, Elisa Guaraná. Fazer, Pensar e Decidir: os papéis das mulheres nos assentamentos rurais. Algumas reflexões a partir de três estudos de casos. Raízes. v. 15, n. único, p. 113-130, 1998.

CARNEIRO, Maria José. Mulheres no Campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, n. 2, p. 11-22, 1994.

\_\_\_\_\_. Esposa de Agricultor na França. Estudos Feministas. v. 4, n. 2, p. 338-354, 1996.

\_\_\_\_\_. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 11, p. 53-75, 1998.

\_\_\_\_\_. “Rural” como Categoria de Pensamento. Ruris. v. 2, n. 1, p. 9-38, 2008.

- \_\_\_\_\_. TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Mulher Rural nos Discursos dos Mediadores. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 5, p. 45-57, 1995.
- CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*. n. 28, p. 65-99, 2007.
- Ciências Sociais Hoje – Anuário de Antropologia, Política e Sociologia, publicado pela Anpocs/Cortez (de 1984 a 1991, publicação irregular).
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. MARCUS, George. (orgs.). *Writing Culture – 25th Anniversary Edition*. Berkeley: University of California Press, 2010.
- COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- CORDEIRO, Rosineide de L. M.; SCOOT, Russel Parry. Dossiê – Mulheres em áreas rurais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. *Estudos Feministas*. v. 15, n.2, p. 419-490, 2007.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; MARTINS, Carlos Benedito (orgs.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: Instituto Ciência Hoje / Ed. Barcarolla / Discurso Editorial, 2010.
- FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos AEL*. v. 10, n. 18/19, p. 81-124, 2003.
- FERREIRA, Paulo Rogers. Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- \_\_\_\_\_. O Texto Brasileiro sobre o Rural. *Ruris*. v. 2, n. 1, p. 129-153, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas*. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2008.
- FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. Mulher e Ambientalismo. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 9, p. 178-189, 1997.
- FRY, Peter. Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros. FRY, Peter. Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a, p. 54-86.
- \_\_\_\_\_. Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. FRY, Peter. Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982b, p. 87-115.
- \_\_\_\_\_. MacRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GONTIJO, Fabiano; COSTA, Francisca Célia da Silva. “*Ser traveco é melhor que mulher: considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade no mundo rural piauiense*. Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades. v. 6, n. 8, p. 171-186, 2012.
- GRAF, Laila Priscila; COUTINHO, Maria Chalfin. Entre Aves, Carnes e Embalagens: divisão sexual e sentidos do trabalho em abatedouro avícola. *Estudos Feministas*. v. 20, n. 3, p. 761-783, 2012.
- GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete. (orgs.). *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1977].

HEILBORN, Maria. Luiza. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção de identidade social. PARKER, Richard (org.). Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.). *Sexualidades: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1994].

IANNI, Otavio. *Pensamento social no Brasil*. São Paulo: Edusc/Anpocs, 2004.

JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory – an introduction*. NOVA York: New York University Press, 1996.

KEARNEY, Michael. *Reconceptualizing the Peasantry; Anthropology in Global Perspective*. Boulder: Westview Press, 1996.

KRONE, Evander; MENASCHE, Renata. Agregados e Mulheres, “o queijo de final de semana” e o valor do trabalho. *Raízes*. v. 26, ns. 1 e 2, p. 113-119, 2007.

LANDES, Ruth. *Matriarcado cultural e homossexualidade masculina*. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MAGALHÃES, Reginaldo Sales. A “masculinização” da produção de leite. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. v. 47, n. 1, p. 275-300, 2009.

MAGRINI, Pedro Rosas; OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza; ALVES, Jaqueline Magalhães; PEDRO, Isla Karla Azevedo; PROENÇA, Inês Carolina. As Relações de Gênero no Processo Político-Organizativo em um Assentamento Organizado pelo MST no Sul de Minas Gerais. *IdeAs – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*. v. 4, n. 2, p. 423-463, 2010.

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deise; ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Estudos Feministas*. v. 20, n. 3, p. 739-760, 2012.

MARTINS, Heloísa Helena de Souza; MARTINS, Carlos Benedito (orgs.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: Sociologia*. São Paulo: Instituto Ciência Hoje / Ed. Barcarolla / Discurso Editorial, 2010.

MATWYCHUCK, Margo L. Estratégias de casamentos, história de mulheres e experiências de mulheres entre famílias de usineiros em Paraíba. *Cadernos Pagu*. 8, p. 211-247, 1997.

MENASCHE, Renata; BELÉM, Régis da Cunha. Gênero e agricultura familiar: trabalho e vida na produção de leite do Sul do Brasil. *Raízes*.v. 17, n. único, p. 135-142, 2000.

MENDES, Mary Alves. De trabalhadoras rurais a chefes de família e ZEIS: visitando as trajetórias e estratégias femininas. *Raízes*.v. 27, n. 1, p. 56-70, 2008.

MICELI, Sérgio. (org.). *O que ler na Ciência Social Brasileira. 1970-2002*. Vol. IV. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.). *O que ler na Ciência Social Brasileira. 1970-1995*. Vol. I – Antropologia. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 1999a.

\_\_\_\_\_. (org.). *O que ler na Ciência Social Brasileira. 1970-1995*. Vol. II – Sociologia. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 1999b.

\_\_\_\_\_. (org.). *O que ler na Ciência Social Brasileira. 1970-1995*. Vol. III – Ciência Política. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 1999c.

MIRELLA, Luanna. *Localidade ou metrópole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Brasília: PPGAS, 2010, 241 fl.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*.v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

MOTT, Luiz. *Dez viados em questão: tipologia dos homossexuais da Bahia*. Salvador: Ed. Bleff, 1987a.

\_\_\_\_\_. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987b.

MOUTINHO, Laura, MONTEIRO, Simone, PINHO, Osmundo, CARRARA, Sérgio. Dossiê – Raça, Sexualidade e Saúde. *Estudos Feministas*. v. 14, n. 1, p. 11 em diante, 2006.

MUNIZ DE OLIVEIRA, J. Mulher com mulher dá jacaré”: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1992.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. *Faculdades femininas e saberes rurais*. Uma Etnografia sobre Gênero e Sociabilidade no Interior de Goiás. Tese. (Doutorado em Ciência Social (Antropologia)). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Homem com homem, mulher com mulher: paródias sertanejas no interior de Goiás. *Cadernos Pagu*. 39, pp. 367-402, 2012.

OLIVEIRA, Joyce Kelly da Silva. Fazenda Santa Clara: encontros e desencontros entre camponeses/parceiros e a Brasil Ecodiesel em um assentamento rural privado no sul do Piauí. Dissertação. (Mestrado em Antropologia e Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2012.

PARKER, Richard. *Masculinity, femininity, and homosexuality: on the anthropological interpretation of the sexual meanings in Brazil*. BLACKWOOD, Evelyn (org.). *Anthropology and Homosexual Behavior*. Nova Iorque: The Haworth Press, 1986.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, Maria Isabel Ferraz. Crianças no campo: os mudos da história? *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 6, p. 170-191, 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. Sem terra sem roupa! *Estudos Feministas*. v. 5, n. 2, p. 366-374.

PORRO, Noemi, MOTA, Dalva Maria da, SCHMITZ, Heribert. Movimentos sociais de mulheres e modos de vida em transformação: revendo a questão dos recursos de uso comum em comunidades tradicionais. *Raízes*. v. 30, n. 10, p. 111-126, 2010.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian experience. In: SNITOW, A.; STANSEL, C.; THOMPSON, S. (orgs.). *Powers of Desire – The Politics of Sexuality*. Nova York: Monthly Review Press, 1983, pp. 177-205.

ROSALDO, Michelle. Zimbalist; LAMPHERE, Louise. (orgs.). *A mulher, a Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*.v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Maria Elza Soares da. Etnografia da terra prometida: trajetórias sociais, conflitos e cotidiano dos/as camponeses/as parceiros/as da Brasil EcoDiesel – O caso da Fazenda Santa Clara, no Piauí. Dissertação. (Mestrado em Antropologia e Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2011.

TORNQUIST, Carmen Susana; LISBOA, Teresa Kleba; MONTYSUMA, Marcos Freire. Dossiê – Mulheres e Meio Ambiente. *Estudos Feministas*. v. 18, n. 3, p. 865-940, 2010.

TRINDADE, Héglio. (org.). *As Ciências Sociais na América Latina em perspectiva comparada: 1930-2005*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2007.

UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam. Dossiê. *Estudos Feministas*. v. 14, n. 2, pp. 481-547, 2006.

VANCE, Carole. A Antropologia Redescobre a Sexualidade. *Physis*. n. 5, 1995

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_.; WOORTMANN, Klaas. *Fuga a três vozes*. Brasília: Anuário Antropológico/91; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.